



**Relatório sumário do 8.º Fórum Consultivo
sobre Financiamento do Setor Cafeeiro**

Antecedentes

1. O 8.º Fórum Consultivo sobre Financiamento do Setor Cafeeiro realizou-se em Londres em 8 de setembro de 2018, terça-feira, durante a semana da 122.ª sessão do Conselho Internacional do Café. O tema deste ano ("Usando tecnologia e inovação para favorecer os investimentos no setor cafeeiro") foi escolhido com o propósito de explorar como tecnologias digitais e novos instrumentos de financiamento podem melhorar o acesso dos cafeicultores a financiamento. O Fórum foi presidido pelo Sr. Kirill Matrenichev, da Federação Russa, e congregou, como participantes de painéis e como moderadores, especialistas da área de tecnologia e do setor cafeeiro, da indústria financeira, de organizações internacionais e do mundo acadêmico.

2. As apresentações e documentos básicos do Fórum podem ser acessados pelo site da OIC (http://www.ico.org/forum8-e.asp?section=Meetings_and_Documents).

RELATÓRIO SUMÁRIO DO 8.º FÓRUM CONSULTIVO SOBRE FINANCIAMENTO DO SETOR CAFEIEIRO

Boas-vindas e observações iniciais

1. O Presidente do Fórum Consultivo sobre Financiamento do Setor Cafeeiro, Sr. Kirill Matrenichev, deu as boas-vindas aos participantes do 8.º Fórum. Ele observou que nos sete últimos anos o Fórum fora o ponto focal de discussões sobre uma vasta gama de tópicos, cobrindo desde a melhoria de acesso a financiamento e instrumentos de gestão de risco até o fortalecimento do papel dos setores público e privado para enfrentar os obstáculos à produção que hoje entravam a ação dos cafeicultores em muitos países. Segundo ele, o tema da 8.ª edição do Fórum ("Usando tecnologia e inovação para favorecer os investimentos no setor cafeeiro") fora escolhido para explorar como tecnologias digitais e novos instrumentos de financiamento podiam melhorar o acesso dos cafeicultores a financiamento.

2. O Chefe de Operações, em suas observações iniciais, enfatizou a importância do Fórum como oportunidade de compartilhar soluções e tecnologias inovadoras capazes de promover o acesso a financiamento pelos pequenos cafeicultores e pelo setor cafeeiro como um todo. Assinalou também que, como discutido na sessão inaugural do Conselho, o Fórum ofereceria informações significativas sobre como lidar com os níveis e a volatilidade dos preços do café e sobre o papel das mulheres na cadeia de valor do café, pois elas frequentemente são mais vulneráveis aos choques de preços e climáticos.

Enquadramento das discussões

3. O Economista Sênior foi convidado a fazer uma apresentação que enquadrasse as discussões dos dois painéis que se constituiriam em seguida. Ele observou que o acesso a financiamento era uma condição para a alta produtividade. Empréstimos de capital de giro e financiamento para investimentos de longo prazo possibilitavam aos agricultores comprar insumos sazonais e melhorar e modernizar suas propriedades e depreciar ativos. Investimentos no setor eram cruciais, em vista tanto da demanda crescente por café quanto do impacto das mudanças climáticas sobre a produção. No entanto, como o Economista Sênior acrescentou, os cafeicultores – os pequenos sobretudo – tinham acesso limitado a financiamento formal e informal, pois havia a percepção de que os riscos da lavoura e dos mercados eram altos e o acesso a instrumentos de gestão de risco a nível da propriedade agrícola era insuficiente.

4. Nesse contexto, o objetivo do Fórum era a aquisição de conhecimentos de novas tecnologias e abordagens inovadoras que hoje vinham sendo implementadas, como, por exemplo, aplicativos de blockchain e seguros indexados contra a volatilidade de preços. Procurar-se-ia discutir o potencial para a adoção dessas inovações no setor cafeeiro e identificar barreiras que precisavam ser superadas para garantir a inclusão financeira. Além disso, o Fórum exploraria como, através de investimentos de impacto e de títulos climáticos e verdes, se poderia canalizar fundos adicionais para o setor cafeeiro, em apoio dos investimentos na reabilitação e renovação de cafezais que envelheciam e no aumento da produtividade e da resiliência ao impacto das mudanças climáticas. Os especialistas também discutiriam como, através de instrumentos e estruturas de financiamento inteligente, assegurar que os fundos adicionais canalizados para o setor alcançassem e beneficiassem os produtores marginais.

Painel 1: Inovações tecnológicas

5. O painel foi apresentado e moderado pela Sr.^a Nancy Cheruiyot, Administradora Fiduciária, Commodities Fund (Quênia).

Democratizando a gestão de risco de preços para os cafeicultores – Sr. Richard Counsell, Diretor-Presidente & Fundador, Stable

6. O Sr. Counsell começou sua apresentação dizendo que os produtores agrícolas, entre os quais os cafeicultores, diferiam em sua capacidade de gerir os riscos de preços. O alto custo e a complexidade de instrumentos de gestão de risco de preços como, por exemplo, os derivados resultavam em um viés em favor de grandes operações agrícolas que possuíam não apenas suficiente sofisticação para entender e usar com eficácia esses instrumentos, como também suficientes recursos financeiros. Em contraste, seguros inovadores contra a volatilidade de preços dariam aos produtores condições de também proteger pequenas quantidades de café, tornando-se um produto acessível aos pequenos produtores. Continuando, o Sr. Counsell explicou a concepção dos seguros indexados para proteger os agricultores das oscilações dos preços das commodities.

7. O primeiro passo no fornecimento de um produto de seguros seria a construção de um portfólio de commodities agrícolas não correlacionadas, para diversificar o risco, permitindo, por exemplo, que a flutuação dos preços do café na América Central fosse compensada pelos preços das flores cortadas e dos laticínios de outras regiões produtoras. Esse processo exigia um modelo computacional complexo desenvolvido com universidades de ponta. O segundo elemento-chave da plataforma de seguros seria um índice de preços crível para cada commodity agrícola. Os agricultores poderiam então se assegurar do preço

que receberiam ao vender seu café depois de certo período – por exemplo, depois de vários meses. Os que comprassem o seguro pagariam um determinado prêmio de seguros e receberiam um certificado digital. Se o preço caísse abaixo do índice, a perda seria calculada automaticamente e o pagamento do seguro, acionado. O Sr. Counsell acrescentou que, para manter baixos os custos da prestação do serviço, o seguro, em condições normais, seria vendido a cooperativas. Os produtos de seguros poderiam alternativamente ser agregados a outros insumos – por exemplo, fertilizantes ou pesticidas. Via-se a agregação como um meio de simplificar a compra para os cafeicultores, em geral resultando em maior aceitação.

8. O Sr. Counsell concluiu que produtos na área de futuros podiam incluir seguros de preços para fornecedores de equipamentos agrícolas. Com isso, taxas flexíveis podiam ser oferecidas aos agricultores (por exemplo, no financiamento como leasing), levando em conta as flutuações de preços das commodities e o impacto sobre a liquidez dos produtores.

Tecnologia, blockchain e financiamento – Sr. Daniel Jones, Diretor-Presidente & Fundador, bext360

9. Ao começar, o Sr. Jones disse que representava uma firma nova, que vinha desenvolvendo uma série extensa de produtos de software-como-serviço para os produtores agrícolas, incluindo os cafeicultores. Em sua apresentação, ele se concentraria sobretudo em como a tecnologia de blockchain podia estimular os empréstimos aos cafeicultores. Ao mesmo tempo, ele identificaria quatro principais indutores da mudança no setor cafeeiro: primeiro, a demanda crescente por café no mundo todo, com previsão de 50% de aumento até 2032; segundo, o aumento do consumerismo consciente, que incluía maior interesse pela rastreabilidade da fazenda à xícara; terceiro, melhorias infraestruturais nos países produtores de café, permitindo maior acesso dos cafeicultores a dispositivos e serviços digitais; e quarto, inovação tecnológica na área da visão mecânica, blockchain.

10. Continuando, o Sr. Jones disse que uma aplicação inovadora desenvolvida para o setor cafeeiro levava ao uso de visão mecânica (sensoriamento remoto) e aprendizagem automática para detectar a qualidade do café a nível da estação de lavagem e, ao mesmo tempo, previa as pontuações da degustação da bebida com base em uma correlação entre traços visuais das cerejas de café e características de qualidade. Esse novo enfoque oferecia a oportunidade de avaliar o café instantaneamente e de separar microlotes de qualidade semelhante. A tecnologia possibilitava o estabelecimento de um registro digital instantâneo da qualidade oferecida por cafeicultores individuais ou, em alguns casos, um pagamento digital instantâneo a eles. A combinação de visão mecânica com blockchain permitiria rastrear a qualidade mensurada na propriedade ao longo de toda a cadeia de valor, do produtor ao varejo. Marcadores garantiriam uma identificação e verificação únicas – por

exemplo, do tipo de produto e sua origem, descendo ao nível de lotes individuais. Os consumidores conscientes, com interesse em como e por quem o café que adquirem é produzido poderiam acessar parte da informação pertinente. Isso ajudaria a criar um elo entre consumidores finais e produtores. Por último, a tecnologia de blockchain, em conjunção com criptomoedas ou tokens digitais, poderia ser utilizada para canalizar com maior eficiência os empréstimos das instituições financeiras às cooperativas ou aos cafeicultores. O Sr. Jones enfatizou que os tokens digitais estão ligados individualmente a moedas fiduciárias nos países respectivos.

Iniciativas em tecnologia da Junta do Café da Índia – Dr. Yenugula Raghuramulu, Diretor de Pesquisa, Instituto Central de Pesquisa Cafeeira (Índia)

11. No começo de sua apresentação o Dr. Raghuramulu referiu dados básicos do setor cafeeiro indiano, tais como áreas cultivadas e níveis de produção e produtividade no ano cafeeiro de 2017/18. O café era produzido por mais de 360.000 cafeicultores, a maioria pequenos. A Índia produzia Arábica e Robusta, com volumes de produção de 95.000 e 221.000 toneladas métricas, respectivamente. A estrutura do setor cafeeiro constituía um grande desafio para a Junta do Café da Índia, uma instituição pública, que desenvolvia e disseminava novas variedades, transferia aptidões e conhecimentos e realizava atividades de promoção.

12. Para reduzir a lacuna de conhecimentos e aptidões de numerosas famílias de pequenos cafeicultores, empregava-se um modelo clássico de extensão, usando 170 extensionistas. O número de cafeicultores em relação ao número de extensionistas, porém, já era alto quando a carga individual de trabalho dos extensionistas fora elevada pelo acréscimo de tarefas como a distribuição de subsídios aos cafeicultores. Isso afetava negativamente a eficácia dos serviços de extensão. Nesse contexto, a Junta do Café da Índia lançara diversas iniciativas digitais, para poder prestar mais serviços, automatizar os processos e reduzir as onerosas exigências da apresentação de relatórios.

13. O Dr. Raghuramulu descreveu diversas iniciativas em matéria de tecnologia, entre elas o desenvolvimento de um aplicativo para celulares que automatizava o rastreamento e as comunicações dos extensionistas. Um projeto piloto, além disso, beneficiava 30.000 cafeicultores que agora tinham acesso individualizado a serviços de extensão através dos celulares, incluindo serviços de informação sobre o mercado. Outros enfoques inovadores incluíam o desenvolvimento de previsões de tempo hiperlocais; a identificação de doenças e pragas como a broca branca do tronco do cafeeiro, com base em fotos de plantas infestadas tiradas e transferidas pelos cafeicultores, usando telefonia celular; sistemas de alerta precoce

da presença de ferrugem, com base em dados climáticos em tempo real; e aplicativos de blockchain, ligando vendedores e compradores, para melhorar a rastreabilidade ao longo da cadeia de valor.

Desenvolvimento do setor financeiro nos países em desenvolvimento – Prof. Thorsten Beck, London Business School

14. O Prof. Beck iniciou sua apresentação afirmando que as zonas rurais eram mal representadas nos setores financeiros dos países em desenvolvimento. As causas eram os altos custos de transação da prestação de serviços financeiros aos pequenos agricultores; os riscos decorrentes de sua informalidade; as dificuldades em fazer valer contratos; e a volatilidade das receitas geradas pela produção de commodities.

15. Nos 10 últimos anos, inovações financeiras tais como finanças digitais e serviços bancários móveis haviam contribuído enormemente para superar algumas dessas dificuldades, rompendo barreiras de informação, disponibilizando seguros contra riscos e colocando os pagamentos transfronteiras ao alcance das pequenas e médias empresas. Outros benefícios eram criados pela redução dos custos, riscos e distâncias, pois até mesmo os pequenos agricultores podiam se conectar com os investidores globais. O Prof. Beck disse que a maioria das inovações começavam no setor privado, frequentemente induzidas por participantes recém-chegados ao mercado. No entanto – ele continuou –, o setor privado dependia dos governos para criar um clima conducente à inovação.

16. O Prof. Beck afirmou que, para promover o desenvolvimento e a adoção de tecnologias digitais, as políticas governamentais precisavam ser favoráveis às inovações, à inclusão e à competição. Uma postura favorável às inovações possibilitava a entrada de novos produtos e formas de atendimento no mercado, como ocorria com o serviço de dinheiro móvel Mpesa no Quênia. Com base na tecnologia dos telefones celulares, esse serviço não exigia que o usuário tivesse uma conta bancária, sendo prestado por uma empresa de telecomunicações. Embora inicialmente sem amparo na legislação do Quênia, seu teste limitado recebera autorização governamental. A abordagem adotada, a que agora se dava o nome de "sandbox tecnológica", permitia que empresas testassem novas tecnologias em âmbito limitado, possibilitando o desenvolvimento de legislação com base no que se aprendesse com os testes. Essa abordagem favorecia a inclusão e postulava a implementação de serviços capazes de alcançar grande parte da população, e era necessária para que houvesse impacto. Também favorável à competição, ela possibilitava a redução de barreiras à entrada de novos participantes – por exemplo, habilitando empresas de comunicação a ingressar no setor de serviços financeiros.

17. Os desafios ainda pela frente– o Prof. Beck concluiu– incluíam as consideráveis diferenças de gênero que havia no acesso a financiamento, como os resultados da pesquisa do Global Findex indicavam. A tecnologia, entretanto, podia ajudar as mulheres a superar barreiras culturais e institucionais que continuavam a existir nos serviços bancários tradicionais. Outro fator era o nível baixo de alfabetização financeira, sobretudo nas zonas rurais, que resultava em pouca aceitação, por exemplo, de seguros indexados. Precisava-se explicar melhor quais eram os benefícios dos serviços financeiros de que se tratava aos potenciais beneficiários.

18. Depois das apresentações houve uma discussão animada, em que foram postas em relevo as barreiras à adoção de tecnologias digitais, em termos tanto de infraestruturas quanto do clima regulatório nos países de baixa renda. Respondendo a perguntas da moderadora e da plateia, os integrantes dos painéis destacaram que as inovações digitais tinham potencial para reduzir os riscos e custos da prestação de serviços nas zonas rurais, pois: não eram necessárias agências bancárias de tijolos e argamassa; a identificação digital podia intensificar a transparência e reduzir a fraude; e a aglomeração de serviços (por exemplo, de seguros indexados e de insumos) podia elevar os níveis de aceitação. Inovações digitais como a blockchain também tinham potencial para promover a integração regional – por exemplo, no continente africano –, através de transações financeiras transfronteiras. Na discussão concluiu-se que a OIC podia ajudar a difundir informações sobre novas tecnologias entre os Membros e a conectar projetos com financiadores.

Panel 2: Instrumentos financeiros inovadores

19. O painel foi moderado pelo Sr. Alexander Borisov, Vice-Presidente da Rusteacoffee. Ele apresentou os oradores e facilitou a discussão subsequente.

Investimento sustentável: investindo para o bem – Sr.ª Michaela Seimen Howat, Estrategista de Débito Sustentável, CIO de Investimento Sustentável, UBS Wealth Management

20. A Sr.ª Seimen Howat começou sua apresentação caracterizando os investimentos sustentáveis. Explicou que, da perspectiva de um investidor, esses investimentos em geral combinavam retorno financeiro e retorno para a sociedade em todas as dimensões sociais e ambientais. Os investimentos sustentáveis podiam ser de três categorias: investimentos em áreas específicas de impacto (social ou ambiental, por exemplo), com clareza das medidas e do rastreamento do impacto criado; investimentos segundo uma estratégia de inclusão, isto é, integrando o Fator de Sucesso Ambiental nos investimentos tradicionais; e investimentos segundo uma estratégia de exclusão – por exemplo, excluindo certas empresas ou indústrias (armas, tabaco) do portfólio tradicional de investimentos.

21. Em geral, os investimentos sustentáveis estavam entre as inovações que cresceram mais depressa nos mercados financeiros no passado recente, e suas perspectivas eram positivas. O setor vinha crescendo graças a uma transformação demográfica que se estendia à posse de bens. Os nascidos neste milênio herdariam bens de mais de US\$24 trilhões até 2020. Segundo pesquisas representativas, cerca de 85% dos nascidos neste milênio estavam interessados em investimentos de impacto social, incluindo as rotas de impacto ambiental e social. Da mesma forma, o poder econômico das mulheres crescia e a posse de bens por elas se tornava mais generalizada. Isso era importante, pois, à semelhança dos nascidos neste milênio, as mulheres como grupo demográfico haviam declarado em uma pesquisa estar altamente interessadas em investimentos de impacto.

22. A Sr.^a Seimen Howat explicou que a estrutura dos ODSs das Nações Unidas fora bem acolhida por pôr um idioma comum à disposição dos departamentos de gestão patrimonial dos bancos comerciais, de seus clientes e dos beneficiários de investimentos – por exemplo, no setor cafeeiro. Ela destacou que, no contexto do setor cafeeiro, por exemplo o ODS 1 (“Acabar com a pobreza”) e o ODS 5 (“Alcançar a igualdade de gênero”) eram relevantes. A Sr.^a Seimen Howat concluiu sua apresentação citando uma estimativa de que, para alcançar os ODSs até 2030, cerca de US\$3,9 trilhões em investimentos eram necessários anualmente. Até agora, um total de US\$1,4 trilhão fora mobilizado, deixando uma lacuna de US\$2,5 trilhões por ano. Embora representando uma necessidade significativa de investimento, essa cifra era uma gota d'água diante dos US\$130 trilhões em patrimônio particular em poder de 1% dos indivíduos no topo da lista dos mais ricos do mundo. A lacuna de financiamento dos ODSs poderia ser preenchida se uma proporção maior desses recursos fosse canalizada na forma de investimentos sustentáveis e de impacto.

Títulos verdes e climáticos – Sr. Nick Silver, Cofundador, Iniciativa dos Títulos Climáticos

23. O Sr. Silver começou sua apresentação explicando o que eram títulos verdes e climáticos. Tratava-se de títulos cujos rendimentos eram investidos em economias que precisavam mitigar as mudanças climáticas – por exemplo, na transição para a neutralidade em carbono –, e para promover a resiliência ao impacto das mesmas – no setor cafeeiro, por exemplo. Nos sete últimos anos, desde a emissão do primeiro título pelo Banco Mundial, o mercado para títulos verdes e climáticos crescera exponencialmente. O Sr. Silver estimava que em 2018 o valor dos títulos emitidos ultrapassaria US\$200 bilhões.

24. A maioria dos compradores de títulos verdes e climáticos eram investidores institucionais como fundos de pensão e fundos soberanos. Os investidores institucionais, que primordialmente tinham o dever fiduciário de gerar retornos, mostravam-se cada vez mais sensíveis a objetivos ambientais, sociais e de governo (ASG). O Sr. Silver estimava que cerca

de 8% dos fundos em geral buscavam investimentos com objetivos ASG. Os títulos climáticos vinham-se tornando veículos de investimento atraentes para esses investidores, que procuravam transferir recursos da energia fóssil para a energia renovável a fim de reduzir os riscos dos portfólios. Atualmente as baixas taxas de juros para investimentos alternativos – por exemplo, obrigações dos tesouros nacionais – tornam atraentes as taxas de juros e os perfis de risco dos títulos climáticos. Porém, as oportunidades para investimento na agricultura até agora eram limitadas, sobretudo devido às pequenas dimensões e à fragmentação das operações agrícolas e dos projetos individuais de investimento, que dificultavam sua conciliação com a grande amplitude e a agregação de títulos como instrumentos para os investimentos de longo prazo.

25. Entretanto, as características específicas da cafeicultura, com grandes investimentos iniciais nas lavouras e o subsequente fluxo de caixa das vendas de café no longo prazo, podiam oferecer uma oportunidade para o uso de títulos verdes para financiar parte das necessidades do setor. Por último, o Sr. Silver disse que a criação de um título exigia a transformação de numerosos pequenos empréstimos aos cafeicultores em um grande empréstimo agregado, resultando em custos significativos de distribuição. Ele julgava que os governos tinham um papel a desempenhar na exploração desse caminho.

Acelerando os investimentos na renovação e reabilitação da cafeicultura—Sr. Herbert Lust, Vice-Presidente de Parcerias Públicas Globais & Diretor-Gerente (Europa), Conservação Internacional

26. O Sr. Lust explicou a abordagem adotada pela Conservação Internacional (CI) em apoio do setor cafeeiro. Ela incluía: encontrar maneiras de mobilizar e combinar investimentos comerciais com investimentos de impacto, recursos filantrópicos e subsídios governamentais; capacitar comunidades locais a aumentar opções de sustento e receitas rurais sem precisar invadir os ecossistemas circundantes; e expandir a demanda por café sustentável através de trabalho com compradores como a Starbucks e o Walmart.

27. Um exemplo específico do trabalho da CI era a rede de ação Renovação e Reabilitação (R&R), que reunia interessados em apoio a iniciativas para rejuvenescer cafezais, partilhando experiências, incorporando melhores práticas e coordenando esforços e recursos. O Sr. Lust também explicou que a CI preparara um guia que resumia as considerações fundamentais em que a R&R se apoiava e que continha uma compilação de 40 estudos de caso de projetos bem-sucedidos da R&R, para promover sua replicação nos países produtores de café em geral. Ele frisou que o valor desses projetos ascendia a um total de US\$1,2 bilhão em investimentos de fontes diversas, incluindo o setor público, bancos de desenvolvimento, fundos da cadeia de valor, ONGs e investidores sociais.

28. O desafio dos esforços de base ampla da R&R era alcançar os 12 milhões de pequenos agricultores que, em escala global, estavam desconectados quer dos investimentos de impacto, quer dos investimentos comerciais. O Sr. Lust via um papel inequívoco para os subsídios e o financiamento em termos vantajosos com o intuito de sanar lacunas – por exemplo, fazendo crescer pequenos projetos até alcançarem um nível de bancabilidade, ou agregando projetos para torná-los atraentes aos bancos comerciais. O Sr. Lust concluiu sua apresentação salientando que a CI recebera um subsídio de US\$1 milhão da USAID para testar essa abordagem e, trabalhando com investidores comerciais, investidores de impacto e doadores, dar apoio individualizado à R&R da pequena agricultura.

Tirando proveito do financiamento sustentável e de impacto – Sr. Andrey Kuleshov, Assessor de Estratégia e Desenvolvimento, Fundo Comum para os Produtos Básicos (FCPB)

29. De acordo com o Sr. Kuleshov, a maioria dos investidores buscava retornos financeiros, mas ao mesmo tempo contemplava objetivos ambientais, sociais e de governo (ESGs). Contudo, como ele sublinhou, os investimentos de impacto levavam essa abordagem um pouco adiante, pois parte dos retornos financeiros de um projeto era intercambiada por benefícios e resultados não monetizáveis, com dimensões sociais e ambientais. Costumava haver três tipos de instrumentos, compreendendo títulos de impacto, fundos de investimento de impacto e títulos verdes. O FCPB acumulara experiência em títulos de impacto e na gestão da escolha de projetos em fundos de investimento, mas não usava títulos verdes como veículo de investimento na fase atual.

30. Uma das atividades do FCPB consistia em ajudar a emparelhar investidores de impacto e projetos, identificando projetos de investimento na fase correta e definindo estratégias de saída. Havia uma clara necessidade de transferir conhecimentos e ajudar os investidores a entender melhor os investimentos nas cadeias de valor dos produtos básicos e as trilhas de impacto correlatas. O Sr. Kuleshov também sublinhou a questão da "lavagem de impacto", em que um investimento que não era substancialmente de impacto era disfarçado como tal – por exemplo, pelo acréscimo de indicadores de impacto genéricos. A certificação de produtos de investimento de impacto por terceiros podia ajudar a evitar a "lavagem de impacto".

31. O representante do FCPB também delineou a importância dos ODSs na provisão de uma estrutura e de um idioma comum para emparelhar eficazmente os investidores e os projetos de impacto, bem como no auxílio à canalização de fundos para o setor cafeeiro. Entretanto, a implementação de um quadro de relatórios abrangente com base em indicadores dos ODSs poderia resultar no acréscimo de onerosas exigências de apresentação de relatórios. Assim, o quadro de relatórios do FCPB possibilitava relatórios focalizando ODSs selecionados, a fim de reduzir os custos dos relatórios e da burocracia. O Sr. Kuleshov

concluiu sua apresentação dizendo que um projeto costumeiro em um país de baixa renda sem condições de atender aos requisitos bancários apropriados em grau mínimo ainda poderia exigir um elemento de concessionalidade.

32. Em seguida às apresentações houve uma discussão moderada pelo Sr. Borisov. Na sequência de perguntas da plateia, os integrantes dos painéis deixaram claro que os títulos verdes não deveriam ser considerados uma solução mágica para a redução da falta de recursos que a realização dos ODSs requeria. Embora os títulos verdes fossem perfeitamente adequados para projetos de energia renovável de grande porte, um grau considerável de agregação seria necessário para alcançar efeitos de escala quando se tratasse de financiar os pequenos proprietários. Existia demanda por subsídios e por financiamento em condições vantajosas para fomentar projetos e elevá-los a um nível adequado para receberem investimentos comerciais.

Conclusões

33. O Presidente do Fórum resumiu a discussão e esboçou três conclusões principais. Primeiro, a ascensão de novas tecnologias e a revolução dos dados poderiam ter um impacto positivo considerável sobre os produtores de várias maneiras, entre as quais melhor acesso a financiamento. A revolução digital tinha grande potencial para transformar a economia e o setor cafeeiro. Se não fosse gerida apropriadamente, contudo, a transformação tecnológica também tinha potencial para ampliar desigualdades. Era portanto importante garantir que os agricultores pequenos e marginalizados, como, por exemplo, as mulheres produtoras, tivessem acesso às inovações e delas se beneficiassem. De outra forma, a tecnologia poderia alargar a distância entre ricos e pobres. Os integrantes dos painéis concordavam em que responsabilidades relativas à garantia de inclusão financeira cabiam tanto aos governos quanto ao setor privado.

34. Uma segunda conclusão importante do Fórum foi que as necessidades de financiamento do setor cafeeiro também poderiam ser satisfeitas por instrumentos novos e inovadores. A combinação de diferentes instrumentos financeiros— por exemplo, investimentos de impacto e títulos verdes com elementos de subsídio — poderia ser particularmente eficaz. O desafio não era necessariamente a disponibilidade de fundos, mas a disponibilidade de projetos bancáveis. O Presidente acrescentou que, desta perspectiva, era bastante animador constatar que muitas instituições vinham trabalhando na concepção de estruturas e mecanismos que possibilitavam emparelhar financiadores e seus objetivos de impacto ambiental e social com projetos em apoio dos cafeicultores e suas comunidades. Havia consenso entre os integrantes dos painéis quanto à asserção de que a Agenda 2030 de

Desenvolvimento Sustentável e os ODSs ofereciam aos investidores e aos que concebiam projetos uma excelente estrutura e um idioma comum para formular objetivos de impacto e rastrear o progresso, descerrando oportunidades de financiamento.

35. A terceira e última conclusão foi que, para alcançar uma produção sustentável de café economicamente viável, era necessária a colaboração de todos os participantes do setor, governos, indústria, ONGs e doadores. Os governos, por exemplo, precisavam disponibilizar estruturas regulamentares corretas, para tornar mais fácil a adoção de novas tecnologias, e conceder subsídios inteligentes, para propiciar maior aceitação e assegurar a inclusão financeira. A concessão de subsídios ou financiamento em condições favoráveis pelo setor público podia reduzir a distância entre os pequenos proprietários e os bancos multilaterais de desenvolvimento e os investidores privados, melhorando a disponibilidade de financiamento para os produtores agrícolas.